

Eva Perón na Imprensa Porto-alegrense: Representações Construídas na Época de seu Falecimento

Eva Perón in Porto Alegre's Press: Representations Built at the Time of Her Death

Alessander Kerber¹
Sabrina Martins²

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar as representações divulgadas na imprensa escrita de Porto Alegre sobre Eva Perón, em 1952, ano de seu falecimento. Foram selecionados e lidos os principais jornais que circulavam no Estado nessa época e identificadas as representações construídas acerca de Evita nos meses posteriores ao seu falecimento. Nesse sentido, propomos, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da História Cultural, uma análise do processo de construção e circulação internacional de representações acerca dessa figura da política argentina, especificamente enfocando o contexto da imprensa sul-rio-grandense.

Palavras-chave: Eva Perón. Representação. Imprensa.

ABSTRACT

This article has as purpose the analysis of the representation divulgated in the written press of Porto Alegre, Brazil, about Eva Perón, in 1952, the year of her death. The main newspapers that were issued in the Rio Grande do Sul state (Porto Alegre being the capital city) were selected and read, and the representations constructed over Evita on the following months of her death were identified. Therefore, we propose, from the theoretical-methodological presupposition of Cultural History, an analysis of the construction process and international movement of representations about this person of Argentine politics, specifically focusing the context of the Rio Grande do Sul press.

Keywords: Eva Perón. Representation. Press.

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo analisar as representações de Eva Perón na imprensa escrita porto-alegrense, em 1952, ano de seu falecimento. Como propõe Capelato (1988, p.25), a imprensa é concebida como espaço de representação do real. Partimos das reflexões acerca de representação de Pierre Bourdieu (1998) e Roger Chartier (1990). Para se relacionar com o mundo real, cada cultura constrói, a partir das práticas sociais, representações, as quais acabam orientando, novamente, as suas práticas sociais. As representações são, assim, a forma de conhecimento da realidade que cada sociedade constrói e reelabora através de lutas constantes. Nesse sentido,

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade, de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem o utiliza. As percepções do social não são, de forma alguma, discursos neutros: produzem estratégias e práticas que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso, esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação (CHARTIER, 1990, p. 17).

¹Doutor em História (UFRGS). Professor adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

²Especialista em História, Comunicação e Memória do Brasil Contemporâneo (Centro Universitário Feevale). Graduada em Comunicação Social: habilitação Jornalismo (Feevale). E-mail: sabrina@feevale.br.

As representações que constituem o imaginário social se baseiam em elementos da realidade concreta, dando, a estes, um significado, a partir dos desejos e das necessidades conscientes e inconscientes dos grupos envolvidos. Como afirma Backzo (1985, p. 311),

Os sistemas simbólicos em que assenta e através do qual opera o imaginário social são construídos a partir da experiência dos agentes sociais, mas também a partir dos seus desejos, aspirações e motivações. Qualquer campo de experiências sociais está rodeado por um horizonte de expectativas e de recusas, de temores e de esperanças.

Realizamos a coleta de todas as matérias, que se referiram à morte de Eva Perón, nos meses de julho, agosto e setembro, no ano de 1952. Nas matérias coletadas, buscamos o conceito de signo estudado e, a partir disso, foram transcritas as citações em que esse conceito era encontrado. Essas citações foram a base para a realização da análise. Através delas, analisamos quais foram as representações de Eva Perón existentes na imprensa porto-alegrense, em 1952, bem como o grau de envolvimento da imprensa gaúcha na construção do mito Eva. Conforme as representações estavam sendo identificadas, foram organizadas como categorias na análise.

Nesta pesquisa, focalizamos as representações acerca de uma figura da política argentina presentes na mídia impressa, especificamente, nos principais jornais publicados em Porto Alegre. Sendo essas as fontes para esta pesquisa, cabe mencionar os critérios para a seleção deste “corpus documental”. Na cidade de Porto Alegre, em 1952, eram publicados os jornais: A Nação, Jornal do Dia, Estado do Rio Grande, Folha da Tarde, Jornal do Comércio, A Hora, Correio do Povo e Diário de Notícias. Estes dois últimos eram considerados os mais importantes do Rio Grande do Sul naquela época³. Os exemplares desses jornais do período imediatamente posterior ao falecimento de Evita foram lidos e foram selecionadas todas as reportagens que se relacionavam a ela para análise das representações contidas nesses documentos.

Necessário mencionar que a agência de notícias *United Press* foi uma das principais responsáveis por enviar matérias sobre o falecimento de Evita para os jornais de todo o mundo. Essa agência, por sua vez, utilizava como fonte matérias de jornais e programas de rádios de Buenos Aires, os quais, naquela época, como identificaremos a seguir, foram órgãos semi-oficiais e oficiais do governo peronista. Consideramos, então, que a propaganda política realizada na época

pelo governo peronista, a linguagem utilizada como meio de propagação de uma mensagem ideológica, também foi utilizada pelas agências de notícias, encaminhando tais materiais tanto para o Brasil como para o mundo. No entanto, devemos esclarecer que também foram encontradas representações locais, providas de relatos de deputados e senadores brasileiros.

O Movimento Nacional Justicialista, conhecido como *peronismo*, foi caracterizado, na Argentina, pelo relacionamento próximo ao trabalhador, a elevação da capacidade de consumo deste, a nacionalização da economia, a defesa do pleno emprego e o controle dos meios de comunicação. O peronismo teve como figura emblemática do movimento a esposa do presidente, Eva Perón, que, a partir de obras sociais e atuação frente aos não-assistidos do país, recebeu junto a ele o respaldo de grande parcela da população argentina.

Capelato, no artigo “Fascismo: uma idéia que circulou pela América Latina” (1991, p. 51-63), analisa a influência das idéias fascistas nos regimes de Vargas e Perón, concluindo que eles não podem ser classificados como fascistas, apesar de sofrerem grande influência destes. As idéias fascistas circularam pela América Latina entre as décadas de 30 e 40, influenciando, especialmente, em dois aspectos: no desenvolvimento do nacionalismo e na emergência do estado autoritário que atuou mais sobre a cultura nacional.

Dentro desse Estado fortalecido, insere-se a trajetória de Eva Perón. A participação mais efetiva de Evita na política argentina inicia-se em junho de 1944, quando teve início um programa radiofônico com o título “Para um futuro melhor”, programa de propaganda sobre a Revolução de 1943, em que Evita fazia o papel de uma mulher do povo que conclamava aos argentinos a responder à revolução. A partir de então, Evita passou de atriz a desempenhar um papel político. Segundo Haussen (2001, p. 88), “os seus anos de radioteatro lhe deram grande segurança para enfrentar auditórios, facilitando os primeiros contatos com as delegações sindicais”. Para Capelato (1998, p. 268), além do poder da oratória, “Evita tinha capacidade inigualável para provocar emoções na platéia”. Em seus discursos, Evita nunca se livrou dos dramas e das novelas que interpretava no rádio. Outra característica em suas falas era a proclamação constante de seu amor por Perón.

Segundo Sarlo (2005), Eva não constrói, em seus textos, nenhum argumento político mais complexo que o da oposição entre ricos e pobres, movida sempre pelo princípio da justiça. A empatia criada através dos seus discursos explica-se pela “repetição das reiterações passionais”, já que os textos são “monotemáticos e

³Tais fontes foram encontradas no acervo do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, situado em Porto Alegre e considerado o mais completo do Estado. Foram encontradas as edições completas dos quatro primeiros jornais citados, dos meses analisados. O Jornal do Comércio, A Hora e o Estado do Rio Grande desse ano, porém, não constam no acervo e a Folha da Tarde o integra com raras edições.

expressam assim a verdadeira forma obsessiva e unilateral de paixão” (SARLO, 2005, p. 27). No mesmo sentido, conforme Ortiz (1996), nos discursos, Evita era insegura e tímida nos gestos, no entanto, lançava-se a falar depressa e sempre com a aprovação do olhar de Perón. Repetindo as palavras daqueles que a cercavam, ela conseguiu torná-las próprias, alucinando multidões com uma bagagem verbal extremamente pobre e pueril.

Nas eleições de 1945, com o discurso da justiça social, da reforma justa e possível, o apoio do Exército e da Igreja, Perón venceu com cerca de 300 mil votos de vantagem e, em pouco tempo, transformou-se na líder para segmentos dos trabalhadores, através do Movimento Nacional Justicialista, conhecido pela denominação *peronismo*. A partir de 1947, Eva Perón dedicou-se à Secretaria de Trabalho de seu governo, sendo mediadora entre os dirigentes sindicais e o governo, facilitando a negociação dos conflitos em um estilo, dito por Romero (2006, p. 104), como um “estilo pessoal que combinava persuasão e imposição”. O Estado peronista tinha os trabalhadores como sua grande força legitimadora e reconhecia isso apoiando os dirigentes de suas organizações. Da população não-sindicalizada, Perón se aproximava através do trabalho de Eva Perón e da fundação que levou o seu nome.

A conjuntura externa favorável na qual surgiu o Estado peronista começou a se inverter por volta de 1949. A partir de 1950, a política de Perón com relação à classe trabalhadora mudou: a crise econômica que se iniciou nesse período fez com que o governo aceitasse várias das reivindicações dos empresários relacionadas aos direitos dos trabalhadores. Não é surpresa que, em 22 de agosto de 1951, o povo pediu a candidatura de Evita e, apesar da vontade de assumir um cargo político, ela recusara para não desagradar a Perón. Contudo, em 1951, Perón venceu as eleições de forma expressiva. A propaganda do governo era forte, sem vozes para a oposição (os jornais, as revistas, o rádio e a TV - recém começando - só divulgavam o que fosse de interesse do governo). Nesse mesmo inverno, morreu Eva Perón, um dos símbolos da prosperidade perdida, que desequilibrou o governo. A saúde de Evita sempre fora delicada, então, não sabemos bem ao certo quando iniciou o câncer de útero que culminou com sua morte. Segundo Ortiz (1996, p. 339), Eva evitava assumir a doença e declarou ao poeta Héctor Villanueva: “Não quero ficar na cama tomando chazinhos. Quero ajudar as pessoas hoje mesmo, e não amanhã. E é assim que quero morrer”. O país desabava com ela, a inflação golpeava e os seus desperdícios tornavam-se impossíveis então. Apesar de uma grave crise de saúde, no dia 11 de novembro, Eva comemorou, pela primeira vez na história do país, a participação das mulheres em uma eleição. A urna lhe foi levada ao pé do

leito. Tais demonstrações de luta faziam com que cada vez mais o povo argentino admirasse a primeira dama. Do dia 26 de julho de 1952 até a queda do regime, os noticiários noturnos eram interrompidos, para que o locutor lembrasse: “São oito horas e vinte e cinco minutos, a hora em que Eva Perón entrou para a imortalidade”.

Conforme Taylor (*apud* CAPELATO, 1998, p. 271), em torno da figura de Eva foram identificados mitos distintos. O mito positivo, forjado pelos peronistas, e o mito negro construído pelos antiperonistas, sendo que ambas as imagens estão fundamentadas sobre os mesmos valores. No mito negro, Eva é a antítese da feminilidade ideal, é egoísta, infiel, mundana, impura. Já o mito positivo a apresenta como um símbolo da pureza, a partir de seu nascimento até a sua ida a Buenos Aires buscar os seus sonhos e, posteriormente, o seu amor por Perón, que a fez renunciar à carreira, passando a “dedicar-se à família e à pátria”. Esses mitos foram amplamente divulgados através dos meios de comunicação de massas, em especial, na imprensa.

1 EVITA E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NA ARGENTINA

De 1943 a 1946, os diários tradicionais argentinos estiveram contra Perón. Conforme Luna (*apud* HAUSSEN, 2001, p. 78), o jornal *La Nación* e *La Prensa* utilizavam um tom não-isento de elitismo e outros, como *Crítica* e *El Mundo*, se utilizavam de uma agressividade mais direta. Após Perón assumir a presidência, houve modificações na abordagem dos periódicos, já que a censura teve início imediatamente. O *La Prensa* tentou manter o seu estilo habitual. Porém o governo em gestão não permitiria a sua autonomia, tendo sofrido pressões até finalmente ser fechado pelo peronismo. Os únicos jornais que apoiavam o governo eram: *Democracia*, *El Laborista* e *La Época*. Mas Perón contava com um decreto emitido por Farrell, que permitia ao poder executivo a expropriação do papel de jornal. Com esse trunfo na mão, a imprensa opositora e independente quase desapareceu durante o seu primeiro mandato.

Em 1951, a Constituição argentina continuava garantindo a liberdade de imprensa, mas, para a realização do controle institucional dos meios de comunicação, foram criadas a *Secretaria de Prensa* e a *Subsecretaria de Informaciones*, coordenadas por Apold, o homem-chave da propaganda argentina. As investidas do executivo também chegaram ao “quarto poder”. Com a criação desses organismos, encarregados de controlar e distribuir o caudal crescente de notícias oficiais, a censura assentou-se em bases firmes.

As pressões à imprensa^[4] ocorreram de diversas formas e o corte de papel era uma delas. Perón podia

⁴“Através de pressão política e econômica, o governo conseguiu controlar a editora inglesa Haynes e os diários *La Época*, *La Razón*, *Crítica*, *Democracia* e *Noticias Gráficas*” (CAPELATO, 1998, p. 79). Em 1951, o jornal *La Prensa* foi expropriado, passando para o controle da CGT - Central Geral dos Trabalhadores.

diminuir as cotas destinadas a alguns veículos sempre que houvesse a necessidade de importar através do Banco Central. Essas reduções na importação faziam com que o jornal fosse obrigado a diminuir a publicidade, assim como o tamanho da fonte e o número das seções. Enquanto isso, vários periódicos oficiosos aumentaram o seu tamanho e a capacidade de circulação. Havia também a proibição de enviar jornais opositores e/ou independentes pelo correio, bem como a agressão contra as redações e o fechamento de alguns veículos, como Romero (2006, p. 107) exemplifica em relação aos jornais *La Prensa* e *La Nueva Provincia*. Segundo Haussen (2001, p. 79), outra medida adotada pelo governo foi adquirir os jornais independentes com a finalidade de criar um monopólio estatal⁵].

A imprensa e o rádio, tanto no peronismo como no varguismo, foram controlados e manipulados, sendo utilizados como ferramentas de propaganda política nos mais diversos setores da sociedade. Essa propaganda, como ressalta Capelato (1998, p.73), buscava, assim como nos modelos europeus, impressionar mais do que convencer e sugerir ao invés de explicar. A propaganda peronista fazia crer que Perón tinha sido capaz de modificar o curso da história na Argentina. As peças e os filmes tinham, majoritariamente, caráter comercial ou propagandístico, mostrando que as mudanças, na vida do trabalhador, ocorreram após Perón assumir o governo.

Na Argentina, a morte de Eva Perón parou as atividades em todo o país. Os veículos de comunicação utilizaram-se de todos os seus espaços na cobertura do ocorrido. Passando pela censura e pelo crivo da Subsecretaria de Informações, os jornais argentinos que estavam com as suas edições limitadas a seis e oito páginas, devido à escassez de papel, obtiveram do governo autorização para lançar mão da quantidade que desejassem, a fim de noticiarem - em edições especiais - amplamente a morte da primeira dama. No mundo todo, espaços na imprensa foram dados ao fato, principalmente, nos países latino-americanos. No Brasil não foi diferente e o Rio Grande do Sul, estado da federação que constitui fronteira com a Argentina, principalmente na imprensa escrita de Porto Alegre, deu grande espaço em suas páginas e espaços privilegiados, já que todas as matérias internacionais da época eram publicadas nas capas dos jornais. É importante salientar, também, que os jornais porto-

alegrenses tinham e ainda têm grande repercussão em todo o estado. No ano de 1952, ano da morte de Eva, os jornais já eram dirigidos também ao interior. Nesse sentido, a relevância desta pesquisa expande-se para as representações construídas sobre Evita para o Rio Grande do Sul de forma mais ampla, não apenas para sua capital.

2 REPRESENTAÇÕES SOBRE A ORIGEM DE EVITA E A IDÉIA DE JUSTIÇA SOCIAL

O jornal *Correio do Povo* realizou a cobertura da morte de Eva Perón com informações sobre o dia-a-dia do que estava ocorrendo na Argentina durante os seus funerais. No dia 27 de julho de 1952, a matéria que relatou a morte de Eva iniciou com informações gerais sobre o ocorrido, no entanto, já em seu segundo parágrafo, fez referência ao livro *La razón de mi vida*, uma obra que é um elogio a Perón, transformado como leitura obrigatória nas escolas argentinas. Era uma forma de propaganda política do peronismo, em que ela distinguia a sua atuação da de Perón: o líder, com inteligência, e ela, com a emoção. Logo, a matéria citou: “Havia também o Congresso decretado o título de ‘chefe espiritual da nação’ para essa figura ainda jovem de mulher, que viera de um lar humilde, numa província, para tomar parte tão ativa na vida pública da nação e tornar-se esposa do presidente” (CORREIO DO POVO, 27/07/52, capa).

Na combinação das variáveis do “lar humilde” para “chefe espiritual da nação” em torno de Eva, torna-se possível considerar uma representação da ascensão social: o exemplo da plebéia que superou as dificuldades da pobreza e tornou-se a mulher mais poderosa do país. A exaltação da origem de miséria de Eva Perón fez parte e caminhou ao lado de toda a sua trajetória, bem como da trajetória peronista. “*He tenido que remontarme hacia atrás en el curso de mi vida para hallar la primera razón de todo lo que ahora me está ocurriendo. [...]*” (PERÓN, 2004, p. 11). “*Quería no ver, no darme cuenta, no mirar la desgracia, el infortunio, la miséria; pero más quería olvidarme y más me rodeaba la injusticia*” (PERÓN, 2004, p. 14). Tais menções foram ditas tantas vezes que se tornaram discurso repetido por todos os argentinos e, como percebemos aqui, integraram também o discurso dos veículos gaúchos.

⁵ O rádio também era considerado pelo governo peronista - com mais força que no varguismo - um veículo de grande importância para regular e controlar a sociedade, o que já havia sido demonstrado no processo político de outros países. Mesmo utilizado por outros políticos na Argentina, Perón foi quem realmente descobriu a utilidade política do veículo. Assim como a imprensa escrita, a radiodifusão também não apoiou Perón em sua campanha eleitoral, tendo, até mesmo, vendido espaços para a oposição. Com a instauração do peronismo, os donos das emissoras passaram a se distanciar da oposição. Mesmo assim, além de colocar as emissoras nas mãos de interventores, o governo passou a pressionar seus proprietários para a sua aquisição. Gradativamente, todas as emissoras foram passando para o Estado. Conforme Haussen (2001, p. 83), “[...] na maioria dos casos, antigos proprietários converteram-se em administradores ou diretores das emissoras. Estas, por sua vez, continuaram operando como privadas, vendendo espaço publicitário”.

No jornal *A Nação*, de 30 de julho, a matéria “Faleceu Eva Perón” também revela a trajetória da primeira dama, declarando que, apesar das restrições que possa haver quanto à sua pessoa, todos têm de reconhecer que ela foi uma mulher extraordinária.

De origem humilde, conseguiu ver-se alçada à posição destacada na vida política da nação platina e seu nome mesmo alcançou projeção internacional. Teve uma atuação singular na administração sendo que ela pessoalmente trabalhava intensamente o dia todo. [...]. Tinha uma preocupação toda especial pelas necessidades de classes mais pobres, às quais procurava atender. Foi sem dúvida, devido à origem obscura, devido a dificuldades que ela mesma teve que enfrentar que compreendeu melhor o que significavam os sofrimentos dos mais necessitados (A NAÇÃO, 30/7/1952, capa).

Apesar da sua condição como primeira dama, descrever a sua origem não só a aproxima do povo como gera, no imaginário popular, uma referência ainda mais divina, pois, além de ser carnal como todo ser humano, lhe é imputada uma natureza sobre-humana, uma figura completa e dupla: de um lado, como ela repete diversas vezes em *La razón de mi vida*, a mulher humilde e ignorante que é a esposa do presidente e, de outro, a intérprete e representante do líder.

Na página 4, a continuação da matéria de capa também traz menções à sua origem: “Pouco se sabe da infância de Eva Perón. Ela nasceu numa aldeia da província de Buenos Aires, filha de pais pobres e com nome de Eva Duarte. Foi numa festa radiofônica que Eva Duarte conheceu Perón, que era, então, viúvo e o ‘homem forte’ do governo argentino. Esse romance tipo Cinderela culminou com o seu casamento”. (CORREIO DO POVO, 27/07/1952, p. 4). A referência do texto à personagem de história infantil remete ao imaginário do leitor, o qual compara a sua história com a da pobre menina que se apaixonou pelo príncipe e que, após lutar contra a maldade dos que a invejavam, acabou por tornar-se princesa. Nada melhor que o conto de fadas para manifestar a sua representação da ascensão social, assim como para manifestar outras representações que virão a seguir.

Uma das principais formas de sua política trabalhista foi a criação da Fundação Eva Perón. Segundo o periódico:

Entre outras coisas a Fundação Eva Perón mantém uma fábrica de roupas e em 1951 inaugurou a primeira-dama argentina uma cadeia de armazéns populares, sob o slogan de ‘mais uma realização em favor da justiça social’. Para milhares de necessitados ela era a ‘dama generosa’,

mas para os seus inimigos era ‘uma oportunista, uma mulher que usava a organização social como uma arma política através da distribuição de grandes somas em dinheiro’. A Fundação nunca divulgou suas receitas e despesas (CORREIO DO POVO, 27/07/1952, capa).

No trecho, o periódico identifica e expõe a constituição de representações em torno de Eva ligadas à idéia de justiça social. Essas representações de Eva não direcionavam à transgressão, no entanto, buscavam expor quem foram os seus transgressores (as oligarquias) e, assim, ela construía o seu próprio espetáculo. Apesar da imagem de “dama generosa”, o trecho da matéria também traz a construção do “mito negro”, o qual reforçava a imagem de que Eva era má, oportunista, cujos instintos eram descontrolados. A referência de oportunismo e de falta de controle sobre as “despesas e receitas” demonstra promiscuidade, que pode desestruturar a concepção de bondade criada pelo peronismo e exposta até então, no texto de Correio do Povo. No entanto, o periódico expõe uma luta entre bem e mal com as posições já definidas. Os “milhares de necessitados”, provavelmente, apóiam o mito positivo, enquanto os “inimigos” apóiam a conceituação do mito negro.

Em *Diário de Notícias*, de 3 de agosto, na matéria “Continua o impressionante desfile da multidão ante o féretro da sra. Eva Perón”, o jornal cita o editorial do jornal *El Telégrafo* da cidade de Guayaquil, no Equador, em que expressa:

Em Eva Perón concentrou-se a inquietude de um grande povo desejoso da melhor justiça social e ela soube recolher os anelos e as aspirações populares para materializá-las em obras práticas, cujos benefícios se projetam sobre a coletividade, em seus núcleos mais necessitados da assistência oportuna, estranha a todo conceito antiquado de caridade. Infatigável no esforço, incansável no trabalho e inquebrantável em sua fé por uma efetiva segurança social, Eva Perón se consagrou à sua obra de ajuda ao necessitado e, sobrepondo-se aos sofrimentos físicos que não puderam jamais abater seu espírito (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 3/8/1952, capa).

Até mesmo editoriais de periódicos do Equador foram publicados no jornal gaúcho, com a intenção de mostrar que a repercussão da morte de Eva, não apenas aqui como também em outros países, tornava possível perceber a utilização de termos elogiosos, a idéia de justiça social e de sacrifício. São termos específicos que denotam o sentido do esforço e sublimação, como “infatigável”, “incansável”, “inquebrantável”, “sofrimentos”, “fé” e “consagração”.

3 AS REPRESENTAÇÕES DA MÃE DOS POBRES E DA SANTA

No dia 29 de julho, Vieira Lins, presidente do PTB, falou à Câmara, e o *Correio* publicou:

O fato em si do desaparecimento de Eva Perón poderia passar nesta casa apenas como o desaparecimento duma esposa de Chefe de Estado. Entretanto, a personalidade exuberante e extraordinária daquela mulher, a maneira por que ela se impôs no mundo político e social de nossa época não poderia deixar de trazer neste instante a particular consternação de todos os homens que se dedicam a luta política da época, preocupações com o problema social e, sobretudo, com os problemas da justiça social. Aquela mulher, vinda duma situação humilde na vida, trazendo consigo a própria compreensão da angústia humana, através de sua caminhada de mulher pobre e primeira dama argentina, identificou-se de tal maneira com a dor e o sofrimento dos pequeninos que se transformou na vertigem dos tempos, num ídolo (CORREIO DO POVO, 29/07/1952, p.20).

A cadeia de signos utilizados por Lins acrescenta às percepções da discussão anterior; mulher “vinda de uma situação humilde”, através da “caminhada de mulher pobre”, torna-se a primeira dama e “identificase” com a dor e o sofrimento dos “pequeninos”. A diferença ao pensamento de Capanema e a novidade trazida pelo *Correio* agora está na identificação com a aflição do povo - já que viera da pobreza, Eva conhecia de perto suas angústias. A posição em que o povo se encontrava está definida pelo termo “pequeninos”, assim como a posição de Eva diante deles. Nesse trecho, podemos considerar a representação de Eva como a mãe dos pobres. Encontramos, aqui, a idéia de submissão, renúncia e sacrifício - que prolifera em seus discursos - em que a mulher, sem filhos, dedicou-se inteiramente aos humildes, à mãe da pátria.

O *Diário de Notícias* de 1º de agosto de 1952 publicou, na matéria intitulada “Nunca pensei que Deus me mandasse tanta dor”, que Eva Perón chamou o presidente para perto de seu leito e disse: “Querida ver-te um pouco”. Depois de falarem algum tempo sobre a sua enfermidade, ela pronunciou as suas últimas palavras “*Pase lo que pase, lo unico que yo te pido es que no los abandones nunca a los grasitas*”. “Democracia” afirmou que, por várias vezes, durante

seus últimos dias, a senhora Perón exclamara: “*Soy muy chiquita para tanto dolor*”. Essa é mais uma forma de representação de doação, sacrifício e bondade de Eva, mostrando que, mesmo em seu leito de morte, ela se preocupou com os seus “filhos”, os “descamisados”.

Em um país católico como a Argentina, a idéia de sofrimento liga-se à concepção acerca dos santos. A narrativa construída sobre a trajetória dos diversos santos, em geral, é perpassada pelo sofrimento ligado à idéia de “doação”. Não é de estranhar, então, que houve segmentos que consideraram a necessidade de santificar Evita.

Em 2 de agosto de 1952, o *Correio do Povo* trouxe, em suas páginas, o pedido do sindicato argentino de beatificação de Eva Perón pela Igreja Católica, sindicato que representava 160 mil operários. Conforme o periódico gaúcho, o movimento para santificar a primeira dama não foi surpreendente, já que, devido a suas ações de assistência social, ela era, por muitos, chamada de santa. A matéria citava que muitos jornais argentinos tinham publicado em coro as evidências de sua santidade. Em um jornal portenho, o *Correio* declarou, na matéria “Evita, a madona da América”, que uma criança, ao visitar a câmara ardente no Ministério do Trabalho, declarou o seguinte: “Eva foi santa. Sei por que ela curou a minha mãe” (CORREIO DO POVO, 2/07/1952, capa). No mesmo texto, o *Correio* disse: “Muitos doentes e desesperançados encontram-se bem agora, em virtude da assistência de Eva Perón, uma santa milagrosa, porque o amor sempre opera milagres”. No *Diário de Notícias* do mesmo dia, na capa, também se encontrava a matéria sobre a solicitação de beatificação de Eva Perón, descrita, na cartola, Santa Evita, no entanto, sem menção a possíveis milagres. No *Jornal do Dia*, também em 2 de julho, a matéria de beatificação foi publicada na capa do jornal, sendo que essa é idêntica à matéria publicada no jornal *Diário de Notícias*.

A atuação da política de massas existente na Argentina, surgida em momentos de crise, o contexto de insegurança e a instabilidade explicam a aceleração dos sentimentos da sociedade, transformando-se em paixão à líder. A sua “doação” e “misericórdia” perante o povo divinizaram a sua imagem e, ao lado de Perón, - o chefe do Estado, o “salvador da pátria”⁶, que também era identificado com Jesus, por seguir o seu exemplo, buscando os seus amigos entre os pobres⁷ - é possível dizer que o povo identificou Eva Perón à Virgem⁸. “Em numerosas ruas foram erguidos altares nos canteiros em homenagem à extinta. As mulheres do Partido Peronista Feminino pediram a colocação de um altar em cada escola do país” (CORREIO DO POVO, 31/07/1952, capa).

⁶Termo usado por Capelato (1998, p. 259).

⁷Lembramos, aqui, que a propaganda política peronista o exaltava como “amigo dos pobres”, enquanto a identificação “pai dos pobres” se consolidou na figura de Getúlio Vargas aqui no Brasil.

⁸Segundo Girardet (apud CAPELATO, 1998, p. 268), os mitos políticos de nossas sociedades contemporâneas não se diferenciam muito dos grandes mitos sagrados das sociedades tradicionais. Conforme o autor, identificam-se, em sua obra, quatro constelações mitológicas identificáveis no imaginário político: A Conspiração, o Salvador, a Idade de Ouro e a Unidade. Conjunto que, por sua imprecisão, imbrica-se entre eles, perdendo-se em no outro.

A morte prematura e a propaganda massiva de seu auto-sacrifício imortalizaram Eva e a conduziram à santidade, no entanto, declarar que ela operou milagres fez com que o periódico se imbuísse de responsabilidade sobre sua repercussão no imaginário social. O pedido de beatificação podia ser considerado o suficiente para que fosse evocada Eva como redentora da pureza, sem que mesmo esse pedido fosse aceito.

O jornal de 3 de agosto salientou que o Vaticano não recebeu o pedido e que somente o arcebispo de Buenos Aires poderia fazê-lo, baseado nas ações e na história de vida de Eva. Em termos jornalísticos, é possível dizer que a matéria “rendeu”. O *Correio* de 5 de agosto convidou um monsenhor brasileiro para analisar a possibilidade de beatificação, o que denota que, provavelmente, a intenção do jornal era continuar a discussão sobre o tema. No *Diário de Notícias* de 3 e de 5 de agosto, os mesmos temas foram abordados.

Diariamente, o *Correio do Povo* representou os acontecimentos dos funerais de Eva Perón. No dia 22 de agosto, uma notícia trouxe novidades sobre Eva. Na matéria “Encomendado um ataúde de cristal para a sra. Perón”, é explicitado que Eva teria um caixão de cristal alojado numa armação de bronze, pesando uma tonelada, com o custo aproximado de trinta mil dólares, e salientava: “Madre Francês Xavier Cabrini, que morreu em 1917, cidadã norte-americana canonizada pela Igreja Católica Romana, foi encerrada num ataúde similar”. No *Diário de Notícias* de 24 de agosto, na matéria “Urna de Cristal para os restos mortais de Evita”, o mesmo tema foi tratado. No *Jornal do Dia* de 29 de julho de 1952, a matéria “A Argentina cobriu-se de luto com a morte de Eva Perón” falou sobre o repouso de Eva em um ataúde simples de madeira, sem mencionar a urna de cristal em que, posteriormente, o corpo de Eva ficaria. “Visto através do cristal que fecha o ataúde, seu rosto é o mesmo rosto popular de Evita, familiar a todos” (JORNAL DO DIA, 29/7/1952, capa).

Percebemos, nessa citação, relações com a representação da santidade. O cristal transmite a idéia do límpido e da transparência. Eva era imutável a partir daquele dia, deveria ser lembrada para sempre, ela era transparente e clara com o seu povo, o seu povo cristão. Conforme Barthes (1993, p. 42), a madeira remete à firmeza, ao calor natural, dá a continuidade de tato com a árvore. No entanto, é provável pensar que essa realmente não era a intenção, um caixão de madeira faria Eva estar próxima às pessoas comuns, além de trazer uma proximidade à terra de onde a madeira provém, o que era desejado em um primeiro momento na CGT. Mas, posteriormente, o objetivo era afastá-la dessas concepções e aproximá-la à sublimação, ainda mais no momento em que o texto utiliza como exemplo a madre canonizada que foi sepultada em ataúde semelhante.

Outro signo encontrado é o uso do bronze ao invés do ouro. O bronze traz como figura a dureza, enquanto

o ouro, a riqueza. Por mais que o ouro fosse ideal à sua posição de primeira dama, era para o povo que o seu funeral era realizado como um espetáculo, e o bronze é o mais perfeito elemento para representar a sua postura forte e determinada na luta a favor do povo e contra a sua própria doença. O caixão, ou ataúde, termo mais utilizado na época, não podia passar a idéia de algo passageiro, tinha por objetivo manter vivo o mito Eva Perón, santificado para que o peronismo se mantivesse em sua posição. Assim, mantinha-se a representação da juventude transparente e o vigor da vontade política contra todos os obstáculos, até mesmo da morte.

Um mês depois de sua morte, em 27 de agosto de 1952, o *Correio do Povo* trouxe notícias sobre as diversas homenagens realizadas na Argentina e no mundo em memória de Eva Perón. Na mesma matéria, o periódico deixou claro que os veículos de comunicação no país vizinho eram controlados pelo governo e que os rádios entravam em cadeia nacional com a permissão de transmitir apenas músicas sacras. Junto às rádios, *Correio* relata que o jornal semi-oficial “Democracia” utilizou, em suas páginas, o título “A Nação silenciará a sua atividade creadora, hoje, para reverenciar a memória de sua líder espiritual”.

Os jornais gaúchos também a apresentaram dessa forma. Como exemplo, o periódico *Diário de Notícias* de 27 de julho de 1952: “Evita nunca desempenhou cargo público e seu único título oficial, chefe espiritual da nação, foi outorgado pelo Congresso faz bem pouco. Contudo, nenhuma outra mulher tinha mais poder do que ela em 132 anos de história da República”.

4 REPRESENTAÇÕES DO SACRIFÍCIO E DA MAGNIFICÊNCIA

No dia 29 de julho, as palavras de Gustavo Capanema, na matéria “Pesar na Câmara dos Deputados pelo falecimento da sra. Eva Perón”, representavam a consternação da Brasil em relação ao falecimento de Eva.

É, sr. Presidente, bem verdade que estamos em presença da morte duma figura humana sob todos os títulos digna de respeito e da admiração dos homens. Não há quem não se comova em face do drama dessa jovem mulher agora tão duramente sacrificada por insidiosa moléstia. Não há quem não se comova em face do drama dessa jovem, que nascendo na humildade conseguiu pelo seu esforço, pelo seu idealismo, pela sua energia, pelas reservas extraordinárias de seu patriotismo, seu humanitarismo, atingir primeiro lugar na sua nação, ali consagrar todas as suas energias a causa de seu povo, causa da justiça e da fraternidade de seu povo, numa palavra, a causa de seu grande ideal. [...]. O que nesse momento verificamos é a figura da sra. Eva Perón, que conseguiu pelo seu idealismo e pela

energia com que se dedicou à realização do seu ideal e pela vocação de sacrifício com que ela se entregou a sua obra - o que verificamos sr. presidente é a figura dessa extraordinária mulher cujo nome vai, incontestavelmente ficar na história da América Latina como uma das maiores feministas (CORREIO DO POVO, 29/07/1952, p. 20).

Capanema retratou novamente “o drama dessa jovem”, e o *Correio* publicou grande parte de seu discurso explorando a sua origem social e a sua história de interiorana humilhada que conseguiu “consagrar” suas energias em prol do povo. Novamente, também, o texto traz a idéia de justiça como forma de representação de Eva, a mulher injustiçada pela vida que fez justiça com a sociedade argentina.

Desse modo, apropriar-se dos termos utilizados por Capanema e, conseqüentemente, pelo *Correio* não será considerado um erro. Utiliza-se da origem “humilde” de Eva, a contradição entre o sentido de fraqueza, de submissão, para, posteriormente, ressaltar que dessa origem surgiu a luta por uma causa. No texto, foi citada a dedicação por um ideal e a vocação pelo sacrifício. Essa predestinação fora sacralizada por Eva durante toda a sua trajetória: vinda de uma província, sacrificou-se pela profissão, depois, sacrificou a profissão por Perón e, finalmente, sacrificou a própria vida pelo povo. Nesse ciclo de sacrifícios, os seus juramentos eram constantes. Segundo Sarlo (2005, p. 25), Eva fazia juramentos de paixão dizendo estar disposta a perder a vida e que a vida só tem sentido se for por uma causa. “Eu te amo até a morte, eu te sigo até a morte, estou pronta para morrer” (EVITA *apud* SARLO, 2005, p. 25). Eva era a própria representação do sacrifício.

No jornal *Diário de Notícias*, não foi diferente. Em 29 de julho de 1952, a matéria “Profunda consternação envolve aos argentinos pela morte da sra. Perón: de artista de rádio a deusa dos trabalhadores” ocupou toda a capa do periódico informando que, após o falecimento de Eva, a Subsecretaria de Informações e Imprensa da Argentina transmitiu breve comentário elogiando a vida da esposa do presidente. Acrescentou que, no mesmo comentário, era dito que “o falecimento da sra. Eva Perón era o resultado de seus esforços e trabalho em favor dos trabalhadores ‘O povo trabalhador perdeu o seu porta-estandarte’” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 29/7/1952, capa). Torna-se claro que a sua doença foi uma conseqüência do trabalho árduo em favor dos pobres e que, então, eles deveriam cultuá-la. Isso também é percebido no *Jornal do Dia*, de 29 de julho de 1952, o qual trouxe a citação de um jornal de Bogotá: “Amiga dos humildes foi sincera defensora dos sem amparo, sem fortuna, e morreu em sua luta, porque sempre esteve pronta a se sacrificar

amorosamente em todas as dificuldades alheias. Em sua chegada à pátria celeste será recebida com uma enorme manifestação dos anjos trabalhadores” (JORNAL DO DIA, 29/7/1952, capa). Nesse fragmento, é retomada a idéia de sacrifício, somando-se à idéia sublime de sua morte.

A representação de tamanho sacrifício liga-se à idéia de magnificência. No *Diário de Notícias* de 27 de julho de 1952 [9], a matéria “Milhões de corações no mundo inteiro comovidos diante da morte de Evita” trouxe a representação de magnificência. “O destino foi mais forte que a ciência e o amor e a Argentina perdeu uma das mais extraordinárias mulheres dos nossos tempos”. Ou:

Há meses que o mal insidioso vinha inexoravelmente apagando aos poucos na grande dama aquela chama viva e crepitante que a projetava como autêntica campeã das mulheres de todas as raças. Milhares de corações, no mundo inteiro, acompanharam, compungidos, o drama de sofrimento e de dor que se desenrolava nas salas silenciosas da residência presidencial em Palermo (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 27/7/1952, capa).

Tudo o que era dito sobre Eva apresentava traços de dramatização, por mais que o ocorrido fosse um fato funesto, o estilo novelesco acompanhou a cobertura. Essas características da escrita compõem traços de glorificação e de furor diante de sua lembrança, como também percebemos na citação abaixo.

[...] E Evita, a mulher notável e exemplo talvez único de esposa e companheira, cerrou os olhos para a vida, mas seu espírito triunfará sobre o tempo, evocando, acima da beleza e da ternura, as dimensões da obra que realizou, o seu trabalho infatigável, o seu esforço, o verdadeiro evangelho da mulher, que foi a sua vocação e que Evita cumpriu com fé e firmeza poucas vezes igualadas na história dos grandes vultos femininos da humanidade (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 27/7/1952, capa).

Nessa frase, vemos diversas representações já citadas, além da magnificência, a beleza e a ternura, a mãe dos pobres e a justiceira. Conforme Sarlo (2005, p. 79), Eva foi amada pela sua obra e pela maneira como a representava. Ação e representação são inseparáveis: “o lado pessoal da relação de Eva com seu povo apoiava-se numa demonstração incessante, repetida, mas capaz de renovar o efeito do ‘maravilhoso’, da presença que, sobre a repetição, construía também uma ilusão de proximidade”.

⁹Nesse dia, o *Jornal do Dia* publicou exatamente a mesma matéria do *Diário de Notícias*, somente com alteração no título “Sra. Eva Duarte Perón, ontem falecida, após vários meses de enfermidade”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A liderança de Eva Perón ocorreu no decorrer dos anos. A cada palavra, a cada gesto, Eva podia perceber a sua importância na política da Argentina. Após a sua morte, Evita foi se transformando num relato que, antes de se extinguir, já acendia outro. Deixou de ser o que disse e o que fez, para ser o que dizem que disse e o que dizem que fez. Dessa forma é revelado o pensamento de uma sociedade. Evita era a mãe, a mulher política, a desprotegida, a moça pobre e, nesse sentido, representava personagens que atingiam o imaginário de amplos setores da população.

Percebemos que, de maneira geral, os jornais analisados reproduziram representações sobre Evita construídas na Argentina. Mesmo em discursos de políticos locais, percebemos presentes várias dessas representações.

Entre as representações identificadas na imprensa local, destaca-se uma construção acerca da trajetória de Evita ligada a um heroísmo que se apresenta como referência para a nação argentina. A esse heroísmo é adicionada a idéia de ascensão social, sendo apresentada, com frequência, sua origem humilde. A ascensão de Eva não ocorreu, porém, de forma tranqüila. Como nos discursos construídos acerca dos diversos heróis, as mídias do Rio Grande do Sul enfocaram as dificuldades passadas por ela para realizar determinadas conquistas. Tais conquistas se associam à idéia de sacrifício. Evita apresentava-se como alguém que se sacrificou em vários momentos, culminando esta trajetória em sacrificar sua carreira por Perón e, por fim, sacrificar sua vida pelo povo argentino na busca da justiça social.

Sendo seu sacrifício ligado à justiça social, Evita é representada como Mãe dos Pobres. Essa representação explica e justifica por que, logo após sua morte, foram construídas representações ligadas à sua santidade.

É comum, quando do falecimento de figuras públicas, a imprensa dedicar espaço para construir representações sobre sua trajetória. Contudo, no caso de Evita, a imprensa do Rio Grande do Sul parece ter dado um espaço muito significativo. Embora não estivéssemos, no Brasil, em um contexto tão autoritário em relação aos meios de comunicação de massa como na Argentina de 1952, as representações presentes na imprensa sul-rio-grandense apresentam-se tomadas de conteúdo emocional e reprodutoras de representações construídas a partir da política exercida no país de origem de Evita.

REFERÊNCIAS

BACKZO, B. A imaginação social. In: ROMANO, Ruggiero (Org.). *Enciclopédia Einaudi*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1985. v. 5, p. 296-331.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CAPELATO, Maria Helena. *Fascismo*: uma idéia que circulou pela América Latina. In: *História em Debate*. Rio de Janeiro: ANPUH, 1991. p. 51-63.

_____. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988.

_____. *Multidões em Cena*: propaganda política no varguismo e no peronismo. São Paulo: Papyrus, 1998.

CALDAS, Breno; MACHADO, José Antonio Pinheiro. *Meio Século de Correio do Povo*: glória e agonia de um grande jornal. Porto Alegre: L&PM, 1987.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural*: entre práticas e representações. Rio de Janeiro/Lisboa: Bertrand Brasil/Difel, 1990.

DILLENBURG, Sérgio Roberto. *Correio do Povo*: história e memória. Passo Fundo: Ediupf, 1997.

_____. *Quatro Publicações Marcantes no Jornalismo Rio-Grandense*. Nova Petrópolis: Amstad, [s.d.]. (Projeto Cultural Stihl).

FLORES, Hilda Agnes Hübner (Org.). *Correio do Povo*: 100 anos. Porto Alegre: Círculo Pesquisas Literárias/Nova Dimensão, 1995.

GALVANI, Walter. *Um Século de Poder*: os bastidores da Caldas Júnior. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

GRANDI, Celito De. *Diário de Notícias*: o romance de um jornal. Porto Alegre: L&PM Editores, 2005.

HAUSSEN, Doris Fagundes. *Rádio e Política*: tempos de Vargas e Perón. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

MARTÍNEZ, Tomás Eloy. *Santa Evita*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ORTIZ, Alicia Dujovne. *Eva Perón*: a madona dos descamisados. Rio de Janeiro: Record, 1996.

PERON, Eva. *La Razón de Mi Vida*. Buenos Aires: Bureau Editor, 2004.

ROMERO, Luis Alberto. *História Contemporânea da Argentina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SARLO, Beatriz. *A Paixão e a Exceção*: Borges, Eva Perón, Montoneros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SCHEMES, Claudia. *Festas cívicas e esportivas*: um estudo comparativo dos governos Vargas (1937-1945) e Perón (1946-1955). Novo Hamburgo: Feevale, 2005.

SILVA, Jandira; CLEMENTE, Elvo; BARBOSA, Eni. *Breve Histórico da Imprensa Sul-Riograndense*. Porto Alegre: CORAG, 1986.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

TABORDA, Raúl Damonte. *O Caso Perón*: uma conspiração continental. Porto Alegre: Globo, 1954.